

CORRELAÇÃO E FLUXO SUJEITO-OBJETO NO PRINCÍPIO DA AULA DE ARTE COMO INCLUSÃO HUMANA ESSENCIAL

Sonia Regina Fernandes- Faculdade Paulista de Artes

RESUMO

O binômio arte-educação significa, entre outras definições, inovação e inclusão; inovação para a inclusão, contemplando basicamente a ideia de inclusão humana no social, pela valorização da diversidade na cultura, no sentido integrador. Este texto ocupa-se de tal princípio, afirmando-o nas aulas de arte de formação de professores na licenciatura, mediante outro princípio: o da experiência artística, na dinâmica de correlação e fluxo sujeito-objeto. A afirmação fundamenta-se em práticas pedagógicas. Uma delas é aqui especialmente considerada. Trata-se da primeira atividade realizada no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, no primeiro semestre, cujo propósito foi o da apresentação dos sujeitos na relação com os objetos de arte e cultura no campo plástico e visual. O exemplo reflete a ideia da inclusão essencial da arte na sua prática social.

Palavras-chave: Formação docente; ensino da arte; artes visuais, inclusão.

ABSTRACT

The binomial art education means, among other definitions, innovation and inclusion, innovation for inclusion, comprising basically the idea of inclusion in human society, the appreciation of diversity in culture, in order integrator. This paper deals with this principle, stating it in art classes teacher training at undergraduate level, by another principle: the artistic experience, the dynamic correlation and flow subject-object. The claim is based on teaching practices. One is specifically addressed herein. This is the first activity held in the Bachelor of Visual Arts, in the first half, whose purpose was the presentation of the subject in relation to objects of art and culture in plastic and visual field. The example reflects the essential idea of the inclusion of art in its social practice.

Key words: teacher training; art education; visual arts; inclusion.

No âmbito dos cursos de licenciatura em arte, ao se tratar do processo de construção de conhecimento, trata-se com especial atenção dos seus dois elementos básicos: o sujeito e o objeto. A dualidade sujeito-objeto aparece como uma relação dupla, correlação, onde há ida e volta; um não é pensado sem o outro. Mas, na qual, o sujeito é sujeito para o objeto e o objeto é objeto para o sujeito. Os dois se completam sem se fundirem, o sujeito é cognoscente e o objeto é conhecido.

A questão chave da construção do conhecimento operada nessa correlação é a experiência onde ele acontece. Praticamente, a experiência é produto da percepção – um terceiro elemento – da correlação sujeito-objeto. No caso das aulas de arte, do processo ensino-aprendizagem da arte, sua mediação, é a experiência da arte que

importa, nas ações que transitam do individual para o coletivo e formam a consciência; consciência também cidadã. Desse modo, a correlação sujeito-objeto serve à ideia de inclusão na prática da arte na cultura, em uma visão expandida de inclusão humana essencial.

Segundo Hegel, o modo de constituição da consciência refere-se ao Ser, à experiência absoluta, na qual o interior e o exterior apresentam-se imbricados um no outro, ou seja, não se reduz à experiência interior subjetiva, nem à experiência exterior objetiva.

Seguindo a visão de Hegel sobre o desenvolvimento da experiência e da consciência, Dewey afirma o seu sentido histórico e cultural. Na concepção pragmatista que valoriza a prática social, a experiência – teoria que elegeu como principal – é relação entre o ser vivo e seu contorno físico e social. O que Dewey destaca é a situação histórica: a experiência é sempre experiência de uma realidade, não podendo ser concebida sem ela.

Dentro disso, indica a importância da experiência da arte para o conhecimento de todas as coisas e de nós mesmos na realidade do mundo. Observando-a como fenômeno dinâmico e relacional, que acontece no campo da cultura e não separa sujeito e objeto, bem como não separa sujeito e contexto, nem objeto e contexto, uma vez que a experiência artística se dá na atividade da percepção que a integra. Nesse sentido, a pedagogia da arte considera que tanto as ações dos sujeitos como os objetos de arte são concebidos e determinados em função de fatores e circunstâncias do meio ambiente. Para Dewey o ser humano é um organismo em interação com o meio ambiente.

Os sujeitos são histórica e culturalmente inscritos e aparecem refletidos na produção ou na coprodução da apreciação dos objetos, tornados, portanto, objetos dessa reflexão, reveladores das condições de ser, de pensar e sentir dos indivíduos no grupo. É quando a correlação sujeito-objeto implica-se em outra correlação: produção-cultura. Pode-se afirmar que esse processo de correlações configura a pertinência da obra de arte para a inclusão humana essencial no âmbito socioeducacional.



Figura 1 - gráfico da autora

A obra de arte não está separada do entorno, ao contrário, ela só existe na relação, na dinâmica entre sujeito e objeto, como produção cultural que abarca, completa e inclui. Para a educação, significa um objeto valioso e especial, instrumento pedagógico de desenvolvimento de potencialidades humanas. No entanto sua consideração, correlacionada ao sujeito produtor, é ainda insipiente na escola como um todo.

Para uma formulação mais ampla e moderna de sujeito em relação a objeto, que serve à experiência da arte para a construção de conhecimentos e desenvolvimento da consciência de Ser e Estar situado, Dayrell (2001) critica o modelo homogeneizante da escola atual e propõe o resgate do aluno como sujeito sócio-cultural, integrante de uma cultura, um gênero, uma etnia, um conjunto de experiências que lhe são peculiares:

(...) os alunos já chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, através dos quais podem elaborar uma cultura própria, uns 'óculos', pelo qual vêem, sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem. Não há, portanto, um mundo real, uma realidade única preexistente à atividade mental humana (2001, p.141).

O que valida o sentido essencial de inclusão na educação é o desenvolvimento da consciência de todo ser humano, como pessoa, indivíduo, de ser um diferente-único, com sua história de vida e seu desenho de ser e existir na comunidade e na cultura na qual pertence e manifesta-se. Ele se vê diferente em relação a outros na realidade que o reconhece e na qual ele se representa.

A arte acontece, se instala, mediante um objeto também único, rico em possibilidades de interação e comunicação; é único na experiência da correlação

com o sujeito. Essa experiência estabelece o elo entre o fazer individual e o coletivo, propiciando “a percepção de si mesmo como mediador de culturas e promotor de conhecimento” (IAVELBERG, 2003, p.55) e desenvolvendo o sentimento de pertencimento a um grupo, a um tempo, e a uma cultura refletida e reconhecida. O pertencimento e o reconhecimento são dois elementos importantes do processo de desenvolvimento da experiência artística mediante a correlação sujeito-objeto. Eles significam a própria ideia de inclusão, no sentido filosófico e sociológico, intensificando a consciência de ser social e instaurando a significação de cidadania.

Um corpo, um grafite, uma peça de roupa, uma escultura, um carro, uma fotografia, um poema, uma música etc., são objetos provocadores de experiências que instrumentalizam o sujeito a movimentar-se dentro da cultura e para fora dela, como um ser diferente e igual, situado em um grupo e com direito a deslocamentos que modificam a história da cultura. As artes evidenciam a epistemologia da correlação sujeito-objeto na produção direta do fazer (objeto) do artista (sujeito) ou na produção indireta da apreciação do espectador (sujeito), no gesto humano de atualização (objeto), que faz da obra de arte potência de instalação de “altas” experiências.

Portanto, se é na relação sujeito-objeto que a experiência da arte se realiza, é na arte-educação que ela se cumpre, na consciência dessa experiência, na aula da arte e para além dela, na inserção e na participação dos sujeitos no tempo e na realidade. A arte-educação funda-se na relação sujeito-objeto e a formação de professores de arte, por sua vez, funda-se na consciência do processo de ensino-aprendizagem, do metaconhecimento da arte nessa correlação. Assim, a mediação do conhecimento, que se apresenta como construção de linguagem: construção de conhecimento e linguagem, encontra na experiência da arte sua melhor definição.

A construção do conhecimento nas artes e na cultura, para consciência cidadã da inclusão essencial é, de alguma forma, prevista pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs de Arte, que sugerem a defesa da pertinência da correlação sujeito-objeto aqui apresentada. No volume de 1ª à 4ª série, no tópico “O conhecimento como produção e fruição” há a declaração de que “a obra de arte situa-se no ponto de encontro entre o particular e o universal da experiência humana” (1997, p. 28).

A aula da arte na inclusão humana essencial

A aula de arte é lugar de encontro, sempre, na qual os seres mostram-se agentes, sujeitos, mediante objetos de conhecimento fundados na linguagem. Por isso é aula da arte¹, ambiente no qual o ser do humano é principalmente respeitado na sua integralidade essencial e incentivado ao desenvolvimento de suas potencialidades. Fatalmente nela se sai da individualidade para viver uma mediação consciente. Percebe-se, na unicidade e totalidade do ser, o sentido “das engrenagens que rodam”. Trata-se de uma percepção e de uma consciência naturalmente inclusiva e respeitosa, de uma não segregação e discriminação em qualquer condição pessoal ou individual. Por princípio na arte-educação não há discriminação nem de sujeitos e nem objetos: todos estão na cultura e tem sua história definida nas relações ou interações humanas, estabelecidas no mundo das comunicações.

A grande engrenagem é a comunicação, na mediação sujeito-objeto na qual a aula de arte se funda. Pois, notadamente, a aula de arte é campo da consciência das mediações. Faz-se mediação na perspectiva pedagógica da comunicação que relaciona os sujeitos, colocando-os em contato com objetos; uma mediação da dialogia sujeito-objeto e uma poética sobre a comunicação. É o devir da arte compreendido e compartilhado.

Na aula de arte, o professor-mediador propõe aos alunos-mediados a própria mediação da arte, a arte em si, no ser objetivado. O importante é o acontecimento do processo ensino-aprendizagem da arte que compreende o objeto a partir do sujeito que o apreende na sua apropriação sensível, de uma relação de amor e respeito pelo conhecimento na linguagem.

Uma prática da arte em aula de formação de professores de Artes Visuais

Nas primeiras aulas-encontros, do primeiro semestre do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade Paulista de Artes, em fevereiro de 2012, na disciplina Fundamentos da Arte e da Educação, uma atividade alicerçou a correlação sujeito-objeto para a experiência da inclusão humana essencial.

¹ FERNANDES, Sonia Regina. *A aula como instalação e performance comunicativa: invenção e poíesis no ensino-aprendizagem da arte na graduação*. Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2002.

Visto que é sempre importante para o início de um curso as apresentações, a proposta foi a de que os sujeitos se apresentassem para operarem um conhecimento abrangente e justo no propósito daquele curso e da linguagem das artes visuais. E que conseguissem ir além de um discurso de praxe, desinteressante, desmotivador, repetitivo e não original e criativo. O objetivo foi o de alcançar uma apresentação que prestigiasse a relação sujeito-objeto na experiência da mediação das artes visuais. Assim, solicitou-se o sujeito correlacionado a um objeto de sua história, de sua cultura, não campo plástico e visual. Procurou-se evidenciar a participação das artes visuais na vida de cada um, na mediação de instrumentos objetivados, experiência na qual cada sujeito pudesse sentir-se sujeito da própria realidade, também artística e cultural. A partir dessa presentificação da arte na vida, presentificação do objeto artístico, o sujeito pode encontrar-se na correlação sujeito-objeto, na subjetividade e objetividade da arte instigante, complexa e real na realidade.

Na situação pedagógica, também o professor se apresentou e pode encontrar o aluno, que o encontrou com os outros. Todos puderam se encontrar na arte da mediação do encontro entre sujeito e objeto que a aula propôs. Por fim, houve um reconhecimento na representação, com base no conhecimento da apresentação.

Foi solicitado que cada aluno trouxesse à sala de aula um objeto representante de sua relação com as artes visuais, importante na história da mediação da arte na vida, que o fez chegar até o curso de formação de professores. Um objeto capaz de contar sobre sua história na cultura, de sua comunidade etc; algo sempre revelador de sua condição sociocultural. Os objetos foram colocados no centro da sala. Em uma ordem de apresentação espontânea, cada aluno-sujeito foi mostrando seu objeto e explicando o sentido de ser do mesmo, como mediação das artes visuais.

A comunicação compreendeu a cultura e houve consciência da diversidade do grupo nas diferenças de produções e gostos, bem como o reconhecimento da riqueza do mesmo e da mediação da arte na vida de cada um e de todos.



Figura 2 - foto da autora, 2012



Figura 3 - foto da autora, 2012



Figura 4 - foto da autora, 2012



Figura 5 – foto da autora, 2012



Figura 6 – foto da autora, 2012



Figura 7 - foto da autora, 2012

Figuras 2 à 7 - Cada aluno trouxe à sala de aula e apresentou um objeto representante de sua relação significativa com as artes visuais

Na prática, constatou-se que a atividade instaurou o respeito pelas diferenças e a admiração pelas possibilidades de contribuição dessas diferenças, na riqueza e diversidade do grupo. Também houve o reconhecimento da mediação da arte, e das artes visuais em particular, na vida de cada um. E assim, pode de fato ser uma apresentação de uma experiência de encontro feliz e inesquecível, de um: **Muito prazer em conhecer**, que pode resultar em muitas práticas de ações sociais de produção de objetos transformadores dos sujeitos na realidade.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *The Conspiracy of Art*. New York: Semiotexte, 2005.
- CHANTRAINE-DEMAILLY, Lise. Modelos de formação contínua e estratégias de mudança. In: NÓVOA, António (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 139-58.
- DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: DEWY, John. *A arte como experiência*. 2ª edição. Trad. Murilo Otávio Paes Leme, Anísio S. Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1985 (Os pensadores).
- _____. *Experiência e natureza*. 2ª edição. Trad. Murilo Otávio Paes Leme, Anísio S. FERNANDES, Sonia Regina. *A aula como instalação e performance comunicativa: invenção e poíesis no ensino-aprendizagem da arte na graduação*. Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2002. UFMG, 2001. p. 136-161.
- IAVELBERG, R. *Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- TEIXEIRA, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1985 (Os pensadores). HEGEL, G. W. F. *A fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses e Karl- Heinz Efken. Petrópolis: Vozes, 2002.

Sonia Regina Fernandes

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2002). Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie (1997). Especialista em Comunicação e Artes (1995) e Didática do Ensino Superior (1994) pela mesma universidade e especialista em História da Arte pela FAAP-SP (1990). Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Faculdade Belas Artes de São Paulo. Coordenadora dos Cursos de Licenciatura em Música e Artes Visuais da Faculdade Paulista de Artes (FPA).